This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

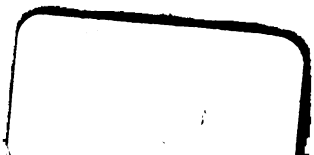
Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

869.8
M5320
M33

A 879,549

Digitized by Google

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS



Digitized by Google

363

MARIA

IN MEMORIAM

1902

Digitized by Google

Digitized by Google

303

IN MEMORIAM

Digitized by Google

MARIA

IN MEMORIAM

1902

Digitized by Google

869.8
M5320
M33

Digitized by Google

9913-176

EXPLICAÇÃO

Este pequeno volume—rosario de lagrimas—formou-se naturalmente da dôr mais espontanea e viva, a dôr que dilacerou tantas almas, perante essa catastrophe, que um sêllo de fatalidade marca sinistramente, e que roubou, n'um momento, uma creatura adoravel, excepcional, pura e linda como os lyrios—os lyrios de que fallou Jesus—ao amor dos Paes que a estremeciam, á radiante felicidade que a Vida, mentirosa e cruel, lhe promettêra!

N'uma manhã de Setembro luminosa, festiva, em que mar e céu pareciam estar em festa, um desastre que tem poucos precedentes, se é que os tem, pelas circumstancias atrozes que o revestiram, prostrou em instantanea morte a dôce Maria, e por pouco não deu igual destino ao Pae que a acompanhava tão feliz!

«Como a vida é bôa!» acabára ella de dizer com a sua voz musical.

Passou um relampago! um milagre de horrôr! E quantas cousas divinamente preciosas acabaram ali! Acabou a existencia, que era a poesia suprema de um lar, acabou a felicidade em que se reviam os corações amigos, tão completa e bella parecia!...

Ao contrario, porem, do que succede as mais das vezes,

Digitized by Google

a dôr de tal desastre não se limitou aos que mais intimamente se relacionavam com essa victima juvenil, que lembra as dôces heroinas da tragedia grega, amando a vida e condemnadas a perdê-la!

Na alma de muitos, de muitissimos, a desgraça imprevista de uma familia que é querida e tradicionalmente exemplar; a dôr de duas nobres creaturas feridas na raiz da sua vida, e que merecem e possuem o culto fervoroso dos amigos, a sympathia reverente dos que o não são, repercutiu-se em longas vibrações de piedade e de horror!

Alguns tiveram o dom de exprimir, entre lagrimas, a emoção profunda que os fez estremecer. Outros ficaram callados, pallidos de assombro; mas na expansão de uns e na mudez dos outros, havia a mesma saudade dolorida por essa formosa creança, colhida em plena flor! a mesma commiseração ardente pelos aniquillados Paes.

O que foi a agonia d'elles, o que está sendo a lenta ascensão da sua Via Dolorosa, não o posso eu dizer!

Ha cousas tão sagradas, que tocar-lhes, com mão carinhosa embora, seria profana-las!

Pae e Mãe sentem n'esta hora o que sentia a biblica Rachel. Não se consolam, não querem consolar-se!

Mas para esta ferida que sangra em borbotões, se não ha remedio, que sare, ha balsamos que dulcifiquem.

As lagrimas, que este livro ficará guardando nas suas paginas simples, terão a virtude de um balsamo.

A dôr, que alguns lograram traduzir, todos a sentiram, e este relicario a symbolisa e interpretra para o torturado coração dos Paes.

Que elles vejam aqui, n'esta sincera effusão de ternura pela creança, que, do sonho radioso de uma vida sem sombras, acordou na plena luz supra-terrestre, para que era tão feita, — a confirmação completa d'aquelle justo orgulho que n'ella tinham!

Digitized by Google

E quem, possuindo-a por filha, o não teria?!

Maria era risonha, alegre buliçosa, toda enthusiasmos infantis, e comtudo o seu livro de cabeceira tinha este titulo: *De la douleur*. E' o livro unico em que os olhos da mãe tão cançados de chorar se fixam hoje com mysteriosa avidez!

Fazia n'um volûmesinho intimo a collecção dos pensamentos, dos versos, dos trechos de prosa, que mais a iam impressionando ao acaso das leituras. E essa selecção, feita com pureza e infallibilidade de gosto, quasi inverosimeis em tão curta idade, é toda composta de pedaços tristes da alma humana...

Ella que nunca soubera o que era o martyrio, nem vira opprimida a terra em que nascera, tinha como dilecta heroina do seu imaginar juvenil uma redemptora que foi martyr: Joanna d'Arc.

Nascida na eminencia social, a que dá direito um grande nome nobremente usado, e linda como só podia ser linda a flôr suprema de uma velha raça, quem mais atrahia a sua attenção carinhosa, a sua solicitude delicada e meiga, eram as pessoas humildes, desherdadas, que a sorte ou a natureza tractaram rudemente.

Tudo era contraste mysterioso e extranho n'esta creatura eleita!

Até a Morte fez d'ella o que a Vida já fizera: um sêr de lenda, um sêr de poesia, predestinado a ficar na memoria dos seus, de geração em geração, e cuja historia de graça infinita e de tragica tristeza, será contada como se conta uma historia de gloria ou devoção, como se conta aos que ficaram e aos que forem nascendo, uma dôce tradição inspiradora de orgulho enternecido. .

Maria, fôste mais feliz do que a tua mãe lacrimosa; foste mais feliz que o teu Pae que eu tenho visto taciturno e

Digitized by Google

vencido, prisioneiro da sua Dôr, como se esta fosse um carcere sem fisga de luz!...

Nasceste e viveste em plena alegria. Morreste em pleno sonho. Choram por ti aquelles que amaram a tua graça aeria de ave, e os extranhos que souberam a poesia ideal de que eras feita.

Para ter a tua vida, quem não acceitára a tua morte?! Para ser como tu, immaculado lyrio, quem não quizera o supremo instante em que voaste, somnambula que não accordou do seu sonho, para a região de luz que te chamava, e a que já na terra pertencias!...

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

Digitized by Google

MARIA...

Como um bom sonho ella passou na vida,
Enchendo o ar d'uma ideal essencia,
E pondo em tudo a branca transparencia
Do proprio ceu — a sua estancia qu'rida!...

Até que um dia, uma manhã florida,
Ergueu o vôo — e foi-se da existencia,
Envolta no seu nimbo d'innocencia,
A demandar a patria appetecida!...

E no entretanto os pobres paes chorando,
O mudo espaço avidamente olhando,
Buscam em vão o seu tão lindo amor...

Dizem-lhe que Ella está feliz, que é santa!
Mas n'alma d'elles já o sol não canta,
E quem os ouve é como ouvir a Dor...

Setembro, 1902.

AFFONSO VARGAS.

Digitized by Google

MARIA

Aquella doce e clara formosura
N'uma palavra só se resumia
E se mostrava á luz de toda a altura:

Pois que de Corpo e Alma respondia
Ao nome que lhe estava em tanto assento,
Piedosissimo nome de Maria.

Maria se chamava; e accrescento
Que a Virgem, quando Deus chamou por ella,
Cuidou que era comsigo o chamamento;

E foi á voz de Deus, serena e bella:
E aonde a luz da estrella se chamava
Appareceu tambem a propria estrella...

Menina ainda, os annos que contava
Não eram deste mundo: o Sonho, era
O sol excepcional que os regulava:

Digitized by Google

E nunca a sua alma envelhecêra
Nos annos de Infinito que viveu,
Antes mais moça e linda se fizera.

Porque o tempo do Sonho, creio eu,
Não é, como o da Vida, condemnado
A' velhice dos annos que correu:

Que quanto mais caminho elle tem andado,
Mais approxima a alma perigrina
Do seu berço e seu reino desejado;

Da eterna meninice e luz divina:
De Deus de onde procede e onde egualmente
O Sonho Caminhante se destina.

E sendo, desta sorte, tão diffrente
A lei destes dois tempos, seus effeitos
Se encontram e combatem mortalmente;

E acontece que os animos perfeitos,
Ajudando o do Sonho, dão victoria
Sobre os annos da vida tão estreitos:

Como foi com Aquella cuja gloria
As lagrimas irão eternisando
Por que as lagrimas são sua memoria...

Digitized by Google

Mas quando Deus chamou por ella, quando
Maria se achegou á sua beira,
(E os anjos, curiosos, espreitando

Se bemziam de espanto, de maneira
Que os seus Signaes da Cruz eram signaes
Da maior maravilha verdadeira...)

Baixando, então, seus olhos immortaes
E ao peito as mãos translucidas unindo,
Estas palavras disse, tão leaes,

Turvado o rosto milagroso e lindo:
«Venho d'um mundo escuro de onde andei,
Dentro de mim, vinte annos assubindo

Como sobe a roseira, cuja lei
É prender a raiz á terra escura
E florescer na luz: mas não cuidei

Que commigo subisse (a tanta altura !)
Esta triste saudade bem amada
Que ja vida immortal se me afigura ..

Pois repara, Senhor: Se na tomada
Do teu immenso amor eu reconheço
Que o Sonho foi a milagrosa escada:

Digitized by Google

As saudades, que tenho em tanto apreço,
De Almas que tanto amei, e que perdi,
São agora uma escada porque desco!

E se em meus sonhos, Deus piedoso, vi
Que só fôra perfeita e inconfundida
Minha Alma, quando a houvesse ao pé de ti:

Como é que a vejo, agora! parecida
A uma roseira posta n'uma torre,
Mas debruçada d'ella, e descahida?

Pois se não nos ajuda, não soccorre
O esquecimento quando, em certo dia,
De Alma se alembrar, a gente morre:

Perdôa-me, meu Deus, esta porfia
Que ponho nas saudades onde hei posto,
Ja agora, a minha unica alegria...»

E as lagrimas, em fio, pelo rosto
Eram tal formosura, que duvido
Se eram de causar pena, ou summo gosto...

Mas Deus se escureceu, de commovido,
Como se aquella luz turvasse a Deus
A luz, seu sexto e altissimo sentido.

Digitized by Google

Nos caminhos sem fim dos claros céus
As estrellas, de tristes, se annuviam.
E as Arvores, na terra, porque os seus

Verdes ramos ao vento se offreciam,
Como que tinham voz, e soluçavam...
E as fontes, que correndo cantariam,

Deixavam de correr: e não cantavam.

27 de Setembro de 1902.

ANTONIO CORRÉA D'OLIVEIRA.

Digitized by Google

D. MARIA DO CARMO DE MELLO

Uma das mais respeitaveis familias portuguezas, não só pelos seus titulos heraldicos, senão tambem, e principalmente, por inexcediveis dotes de coração e de espirito, acaba de envolver-se no mais pesado luto, tecido pela pungente fatalidade.

A senhora D. Maria do Carmo de Mello, filha mais velha dos srs. condes de Sabugosa, em plena florescencia de vida, de graça e de bondade, foi hontem victimada pela mais brutal e imprevista fatalidade.

A senhora D. Maria Sabugosa era um dos vivos exemplares das adoraveis qualidades que distinguem a sua excellente familia. Formosa, intelligente e meiga, aureolada por uns encantadores revérberos de ingenuidade infantil, captivava suavemente quantos d'ella se abeiravam, e deixava no coração de todos a viva impressão de uma santa ou de um anjo.

Estudava muito, mais com o coração do que com o espirito; e, entre todas as figuras historicas, a que ella votava mais amor, e até enthusiasmo, era Joanna d'Arc. Inda não ha muito que nós passámos os olhos por uma cuidada traducção que ella estava fazendo de um bello livro acerca da heroina franceza, livro que fôra prenda affectuosa de sua magestade a rainha D. Amelia.

Digitized by Google

Toda a familia real, como toda a gente que a conhecia, tinha por ella o mais espontaneo affecto, a que ella sabia corresponder com o mais sincero carinho; sobretudo a augusta rainha era para ella, não simplesmente uma boa e grande amiga, senão tambem um grande exemplo de virtudes, que ella encarecia a toda a hora.

Para seus paes e para seus irmãos era inexcedivel em cuidados, carinho e ternura.

D'aquelles que apenas a conheciam de vista, o seu porte, ao mesmo tempo elegante e modesto, attrahia singularmente o respeito e a sympathia. Inda ha pouco, por occasião das ultimas manobros, a sua figura esbelta, sobre um bello cavallo, sobresaía, entre a selecta concorrencia dos espectadores.

Em meio de tudo, mal se poderá imaginar a torturante angustia que n'esta hora dilacera a alma dos srs. condes de Sabugosa. Ha dôres que só as lagrimas poderão alliviar e que reagem contra todas as palavras de consolação ou resignação.

Não conhecemos agora essas palavras, nem as saberiamos proferir. Dizer que nos associamos ao profundo pesar da desditosa e nobilissima familia, seria pouco, ou muito menos do que sentimos. Liga-nos tanto respeito e affecto ao sr. conde de Sabugosa, temos em tanta conta e sympathia todos os que se lhe ligam pelos laços do sangue, que, ao sabermos d'aquella extraordinaria desgraça, quasi nos pareceu que ella nos caiu em casa, tão a fundo ella nos veio ferir.

Registamos pois simplesmente a nossa magua, que só poderá ser excedida pela magua dos pobres paes de D. Maria de Mello.

(Diario de Noticias, 21 de setembro de 1902.)

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Digitized by Google

MARIA SABUGOSA

Chamavam-lhe apenas Maria Sabugosa. Um nome poetico, despido de vaidades como ella, um nome simples de quem vale pela propria essencia, como o dos anjos, o das flores e o das cousas preciosas. Era a consagração espontanea da extrema candura do seu caracter, do irresistivel encanto que a sua doce personalidade exercia sobre quantos a conheciam.

Ha creaturas em que a alma se symbolisa no corpo, e no corpo se reflecte a luz da alma.

Mystica harmonia entre o ser immortal que o ceu empresta por breves annos á forma ephemera, com que nos gera a terra. Sentia-se na pobre creança essa sublime unidade..

Formosa? Na realidade não sei bem se o era; mas n'aquelles olhos grandes, limpidos, havia a essencial belleza, a expressão serena de uma alma de mulher innocente e simples a que não agitára ainda uma paixão profunda, emfim, a virgindade do corpo e da alma.

Olhar sonhador e intelligente que revestia as idéas e os pensamentos de uma expressão ideal, doce e avelludada.

Quem escreve saudosa estas linhas, viu-a em Cintra ainda ha poucos dias, sorridente e linda, consolar e dar esperança a uma pobre desgraçada...

Aquelle olhar de Virgem, sublinhando uma voz meiga e acariciadora, parecia envolver a pobre em amplo manto de

Digitized by Google

ternura e de bondade. Que Deus a envolva tambem hoje nos efluvios do eterno amor divino...

Tinha a innata delicadeza de espirito, que desconhece distincções de classe, irradiando por egual sobre todos que se approximavam d'ella.

A vida corria-lhe como uma adoravel phantasia. Só as almas simples e boas sentem a doce felicidade de viver. São as luctas do corpo e do espirito, que tornam a existencia dura e nos escurecem a luz do mundo. Ella não luctára nunca!

A mocidade começára-lhe como um delicioso canto de notas alegres e vivas, que se ouve por entre as ramadas viçosas de uma ridente paizagem, cheia de côr e de luz.

A pobre creança sentia bem essa profunda e ineffavel delicia de viver, que é a feição caracteristica da mocidade e das almas brancas.

Minutos antes de entrar para sempre na eterna sombra, n'uma expressão de infantil exhuberancia de vida, dizia amorosamente ella ao pobre pae: *como eu me sinto feliz, tão feliz!*

E todavia a morte ouvia-a, espreitava-a, sorrindo, a poucos passos de distancia.

. . . . . .

E em casos brutalmente crueis, como este, que irrisistivelmente sentimos a tortura do eterno *porquê* das cousas d'esta vida mortal, chegando quasi a interrogar com dolorosa duvida a Divina Justiça e a Bondade Omnipotente, que tudo ordena e a tudo preside.

Assim, a vida d'essa ideal creatura passou leve e fugitiva como uma estrella cadente, que do fundo do azul do Ceu nasce e no fundo do azul desapparece, deixando apenas um traço de luz, brilhante e ephemera.

(O Mundo, 29 de setembro de 1902.)

CELIA ROMA.

Digitized by Google

SONHANDO !

A' MEMORIA DE D. MARIA DE MELLO (SABUGOSA)

Sous l'orage et le vent tel le Lys glorieux,
Toujours comme un calice élevé vers les cieux,
Garde, même meurtri, sa beauté souveraine,
Et rien ne fait de tache à sa blancheur sereine!
Theodore de Banville.

No mesmo dia, quasi á mesma hora
em que o meu pensamento te buscava,
evocando a Heroina, a Sonhadora, [1]
como tu, que o teu culto sublimava,

tua alma formosissima fugia
do teu corpo gentil, lindo corpinho!
como ave que emplumou, e ao vêr o dia
desfere as azas e abandona o ninho!

[1] Jeanne d'Arc, cuja uma photographia o actor adquirira em Paris, no proprio dia do desastre, para offerecer á desventurada menina.

Digitized by Google

Momentos antes: — «Como a vida é bella!»
exclamavas, absorta no teu sonho!...
Deve pensar assim a errante estrella
no seu trajecto rapido e risonho.

O seu lampejo fulgido e fugace
allumia passando o ceu profundo.
A luz angelical da tua face
doirou teu lar, illuminou teu mundo!

Quando ao sopro da morte desbotaram
as rozas castas do teu rosto pulchro,
o dó e a saúdade derramaram
rios de pranto sobre o teu sepulchro.

Eu fui dos que choraram!... Hoje, a frio
se invoco a tua vida, o teu passado
tão feliz, deslisando como um rio
de flôres e de sombras recamado;

se penso que da vida conhecias
apenas o que ha nella de risonho,
com um cortejo de affectos è alegrias
formando a via lactea do teu sonho,

não te lamento!... Louvo a Providencia
que, embora nos torture de saudade,
á mentira poupou tua innocencia,
e teus encantos ao rigor da idade.

Digitized by Google

Nem uma ruga no teu riso franco!
nem um cuidado a perturbar teu somno!...
Morres sem macula, ó meu lyrio branco,
antes que te murchasse o triste outomno!

Para muitos a morte é um abysmo
cheio de trevas, cheio de pavores;
tu segues, n'um ideal somnambulismo,
o teu caminho d'astros e primores!

.....

A's vezes já inunda o ceu a aurora
e estrellas brilham quer ao norte ou ao sul.
De igual modo, a tua alma sonhadora
continua a sonhar em pleno azul!

E como astros sem conto que morreram
nos dão inda hoje a sua claridade,
assim os corações que te perderam
vivem da tua vivida saudade!

CHRISTOVAM AYRES.

Digitized by Google

NO OITAVO DIA

Passa ámanhã o 8.° dia sobre o horrivel desastre, occorrido sabbado passado na estrada de Cintra para Cascaes, e que enlutou para sempre o coração de uma das melhores familias de Portugal. Melhor pela estirpe e illustração, e melhor pela sua tambem ingenita e acrysolada bondade.

A terrivel catastrophe não feriu unicamente os paes da santa menina, que Deus levou, os seus irmãos, os parentes e amigos da sua nobre familia. Pode dizer-se que a dôr, em diversos mas todos sinceros gráos, se espalhou por todo o torrão portuguez, tão vibratil á suggestão dos lances dramaticos, tão solidario sempre em todas as coisas do coração, attinentes á dôr e á piedade.

Paz e descanço agora á gentil alma, que de tão gentil envolucro tão cedo e tão horrorosamente se apartou, e resignação aos pobres paes, que só na submissa conformidade com os designios de Deus a podem encontrar.

Não, não é para acordar os echos de uma sepultura, nem para celebrar a formosura e graça angelicas de quem n'ella dorme, nem para exaltar sublimados encantos moraes, feitos de poesia, de mansidão, de modestia, e a que a uma subtil intelligencia tanto relevo dava, que aqui, na arida e prosaica columna do artigo de fundo, fazemos referencia

Digitized by Google

á amada filha dos condes de Sabugosa, em cujos olhos sua ausencia veiu pôr lagrimas... que não mais seccarão.

Não, não é este o logar para inscrever o roseo epitaphio da mallograda donzella, que, feliz e risonha, por uma suave manhã d'outomno, na estrada que a brisa do mar perfumava, sem quasi por isso dar, subita e violentamente se defrontou com a Morte.

Nem no nosso estreito e secco vocabulario das diarias polemicas encontrariamos talvez as palavras eloquentes e ponderadas, que devidamente nos traduzissem a intensidade do pensamento, sem comprometterem por excesso d'estylo o acato devido a quem morreu, e a quem soffre e chora.

Noutra columna o fez já, com o seu talento de escriptora e o seu sentimento de mãe, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, com aquelle mixto de engenho, delicadeza e discrição, que é um dos enlevos da sua penna magistral.

Por nós, queremos apenas neste momento aproveitar o thema do terrivel desastre, para, respeitosamente, da sua principal victima extrair, como lição moral, a refutação de uma proposição generica, que o caso suscitou a um collega da imprensa.

Escreveu-se, aliás sem espirito de offensa para ninguem, e antes com attencioso e sympathico sentimento — devemos reconhecel-o — que as classes populares, tanto em Cascaes, como em Lisboa, na passagem do funeral, se haviam patenteado piedosas para com tão grande desastre e infortunio, o que bastante contrastava com o geral e usual sentimento de indifferença dos ricos e poderosos para com os humildes.

A these é genericamente falsa, porque a bondade e a ruindade não dependem essencialmente da condição de fortuna. Ha, evidentemente, poderosos maus, que o orgulho inflamma e desvaira, como ha pobres maus, que a inveja azéda. Mas ha-os tambem bons: poderosos compassivos e bemfazejos, e pobres conformados com sua sorte, que pode

Digitized by Google

ser ámanhã a sorte dos ricos e poderosos de hoje. Não escaceiam os exemplos.

Mas na observação feita o que avulta é a inopportunidade, pois a sympathia demonstrada á fidalga menina, que os saloios de Alcabideche e da Abucharda ampararam, e perante cujo funebre despojo o povo de Lisboa descoberto se sensibilisou, não a merecia ella por méra caridade para com o seu triste destino, mas por justiça e gratidão, como correspondencia ao attractivo, amor e predilecção, que sempre demonstrara pelos pobres e humildes.

Quem possa ter imaginado, que a desventurada filha dos condes de Sabugosa era uma donzella apathicamente boa, banal e linda, como demasiadamente enxameiam na nossa desvirtualizada sociedade, profundamente se engana.

Era, bem ao contrario, uma alma vivamente impregnada de ideal, ideal que ella concretizava no culto amoroso da sublime rapariga do povo, que se chamou Joanna d'Arc.

Uma tal eleição moral diz tudo, na complexa significação, de que a virgem-pastora de Domremi é o symbolo integral.

O culto de Joanna d'Arc é o culto de Deus, que a inspirou; da Patria, que defendeu e pela qual soffreu o martyrio e a morte; da Pureza, em que viveu; e da Humildade, de que nasceu.

Amar Joanna d'Arc é amar tudo quanto ella representa. E fazer d'esse amor, desde a infancia, um culto, é attestar precocemente uma alma não vulgar, um coração que havia de vibrar mais no dever do que no prazer, mais pelos outros do que por si.

Amada entre os seus, queridissima na sociedade a que pertencia, sem a desdenhar, porque não conhecia o desdem para ninguem, a sua inclinação irresistivel era, todavia, para os que, por qualquer condição, lhe estavam abaixo ou soffriam. Sentia a necessidade de os proteger, de os con-

Digitized by Google

fortar, de os agasalhar moralmente, e a sua maior felicidade era, emquanto outros folgavam nas mundanas festas, approximar-se ella dos mais humildes, dos menosprezados.

Não ha choupana da proximidade das residencias campestres de seus paes, que a não conhecesse pelas suas frequentes e cariciosas visitas. Não ha mestras das suas amigas e relações, que n'ella não tenham agora perdido quem d'ellas fazia affectuoso caso, e assim as consolava das amarguras profissionaes.

Se, pois, as classes populares viram passar com especial commoção o funeral de domingo, pode dizer-se que tiveram a intuitiva consciencia de que era realmente, de quem sempre lhes quizera bem, e a todo o soffrimento se mostrava sympathica, o corpo dilacerado, que se dirigia á sua ultima morada.

Não, o ensejo foi mal escolhido para fallar na indifferença dos poderosos pelos humildes, porque D. Maria de Mello, a estremecida e inolvidavel filha dos condes de Sabugosa, exemplificou precisamente o contrario.

Assim a sua memoria podesse ficar como modelo e exemplo para todas as meninas portuguezas, a quem esta morte sensacional dá occasião de ficar sabendo, que é pela pratica da Bondade e da Humildade, que não pela das aliás perfidas frioleiras mundanas, que aos 22 annos se pode morrer abençoada no Céo e na Terra.

E assim tambem os srs. condes de Sabugosa, caso estas linhas cheguem aos seus olhos, nos perdoem, se acharem que espargimos demasiadas palavras sobre o ainda mal cerrado ataúde da sua querida filha, e violamos assim, talvez, o sagrado mysterio da Morte, e o silencio em que elle mais se compraz.

(*O Jornal do Commercio*, Anno 49.º, n.º 14:628 de 27 de Setembro de 1902. (Revisto).

EDUARDO BURNAY.

Digitized by Google

DA «REVISTA POLITICA DO COMMERCIO DO PORTO»

«No momento em que chego a este ponto da *Revista,* naturalmente concluida, acaba de desembarcar na estação do caminho de ferro, fronteira á minha janella, vindo de Cascaes, o cadaver da snr.ª D. Maria de Mello, filha do conde de Sabugosa, hontem ali fallecida, em consequencia de um desastre, nas circumstancias consternadoras de que os jornaes déram noticia.

«Ao longo da rua fórma alas o povo curioso, e desenrola-se a longa fila dos trens, conduzindo aquelles que puderam dar á familia da finada este testemunho da sua condolencia, em transe de tamanho horror. E eu não posso, já agora, senão vêr isto, nem pensar n'outra cousa.

«Estremeço a cada momento em que o espirito se me prende á imagem, que estou retraçando, d'aquelle pai, a quem para todo o sempre a alma fica dilacerada por tamanha desgraça, sem conforto.

«Pobre Sabugosa! pobre amigo! Como eu comprehendo, eu, tambem pai, e de uma filha unica, da mesma idade de D. Maria de Mello, o abysmo insondavel da tua dôr!

«As lagrimas turvam-me a vista; aperta-se-me o coração, porque estou escrevendo isto, sentado á minha mesa de

Digitized by Google

trabalho, e com os olhos seguindo o féretro, que ao longo do Aterro vai passando.

«No carro funerario, completamente negro, com pesadas colgaduras de crépe, destaca-se, em scintillações amarellas, o panno que vai cobrindo a urna ; pendendo na trazeira uma corôa branca, de grandes dimensões, que me parece estar adivinhando qual foi a mão piedosa e amiga que ali a mandou depôr.

«Sobre essa corôa, sobre esse caixão, sobre esse enterro, de tanta mocidade, de tanta poesia, de tanto sonho, eu vejo adejar em espirito, com as suas azas desoladas, o anjo fatidico, que tem a seu cargo desfazer as illusões da vida.

«Como foi grande, como foi completa, n'este caso, a sua obra!»

FERNANDES COSTA.

Digitized by Google

ATRAVEZ DA ARTE

MORTA! *

Tenho o meu coração tão perturbado,
E os nervos tão doentes que nem sei
Como medir o que elle tem chorado,
P'ra poder dar aqui o qu'eu chorei!...

Lagrimas minhas e de toda a gente,
Como os meus olhos só hão-de vertel-as,
Sobre o cadaver branco da innocente
Que Deus levou p'ra junto das estrellas?!

Tremem-me as mãos no marmore bemdito
Em que o meu sônho treme de a encerrar;
E ao tentar essa bocca eu sinto um grito,
E os seus olhos desfazem-se a chorar.

Nunca a vi mas conheço-a; é como aquella
Que eu sonhei embalar nos braços meus
E que, se a morte me privasses d'ella,
Eu iria arrancar ás mãos de Deus!

---

* Estes versos foram escriptos sob a impressão da desastrosa morte de D. Maria de Mello (Sabugosa).

Digitized by Google

Filha d'um grande sônho, como esta era
D'um grande amor, tambem n'um lindo lar,
A filhinha que em vão minha alma espera
Pôde perdel-a quem a soube achar.

Se querer o ceu perto é um mau desejo,
E não é para nós a luz da aurora,
Porque é que Deus então viu esse beijo?
Como aos meus beijos, não o deitou fóra?

Desde que á vida creatura ou rosa,
Deus a lançou na benção que a incendeia,
Que elle dê tempo á flôr p'ra sêr formosa
E á alma p'ra ganhar o ceu que anceia.

Não é tirar á gente a filha bella
Só porque é um anjo e dos mais lindos, não!
Ella tem de levar p'ra o ceu com ella,
Dentro do seu o nosso coração.

Assim não vae completa para a altura,
Que d'ella fica muito, em nós, ainda,
No nosso sônho qu'inda a faz mais pura,
Na nossa angustia qu'inda a vê mais linda.

E como foi que ella morreu? Cercada
De quem amava, olhando se em seu pranto,
A cabeça lindissima encostada
Sobre o peito do pae, que a amava tanto?

Do outro lado do seu leito a mãe
Beija-lhe as mãos gentis e generosas?
Ella sorri? Nossa Senhora vem
Sobre a cabeça desfolhar-lhe rosas?

Digitized by Google

Ouve os hymnos que os anjos do Senhor
Cantam subindo a escada de Jacob,
Quando levam uma alma a todo o amôr
E que deixam um corpo a todo o pó?

Vê os irmãos ao fundo soluçando,
E ella propria os anima e os conforta,
Vendo o que ha-de pedir para elles, quando
Subir ao pé do Deus depois de morta?...

Não! Morreu como a ave que homicida
Bala attingiu, ao alto, em pleno peito;
E que tinha tambem direito á vida
E á protecção do ceu tinha direito.

Foi assim, por um raio fulminada,
Sem o aroma ou prece em que se sente
Ir p'ra Deus toda a rosa desfolhada
E a alma no que d'elle tem a gente.

Não lhe deixou erguer as mãos, morrer
— Olhos no sol soberbo d'esse dia —
Balbuciando uma oração qualquer
Que, p'la primeira vez, entenderia.

Pela primeira vez! A gente deve
Fazer ouvir de Deus nosso gemido
Só no momento em que vae vêl-o em breve,
Como se a gente lhe fala se ao ouvido.

Seus grandes olhos pônho-me a revêl-os,
A sua fina mão sinto-a na minha;
Alguem do povo cuida lhe os cabellos,
Beija-lhe os labios frios a Rainha.

Digitized by Google

Oh divina mulher que a toda a magua
Corre levando a benção que é melhor!
E os seus formosos olhos cheios d'agua
Não podem ter mais agua e mais amôr!...

Pae d'essa linda e santa creatura,
Mãe do anjo do ceu que Deus lá tem,
Eu vou tambem á sua sepultura
Rezar comvosco e soluçar tambem.

E tu, meu nobre e grande camarada,
Deixa na alma a fé que ella continha;
É tudo a vida eterna, o mundo é nada,
Que Deus perdôe a tua dôr e a minha!

Do *Brazil-Portugal.*

GUEDES TEIXEIRA.

Digitized by Google

SAUDADE

Mais elle était du monde oú les plus belles choses.
Ont le pire destin.
Et rose elle a vécu ce que vivent les roses.
L'esparce d'un matin.

Malhérbe.

Assim fallava um amigo e poeta a um pae inconsolavel que perdera uma filha querida e são bem applicadas estas palavras n'esta tremenda e tragica desgraça Sabugosa.

Que grande magua me vae n'alma com a perda d'essa adoravel rapariga a quem segui de pequenina e vi desabrochar n'uma das mais poeticas e encantadoras creaturas que é dado admirar. O nosso dito popular, «Era do céu» cabia perfeitamente á Maria do Carmo Sabugosa bem como ess'outro do Rei bem-Amado D. Pedro V a respeito da Esposa que tão cedo o deixou. «Era uma alma para o céu e um coração para a terra.»

Era do céu aquella crystallina pureza, aquelle ardôr enthusiastico pelo Bem e pelo Bello; era do céu aquella intelligencia tão viva mas tão pura que só queria conhecer o lado grande e nobre da vida e não quiz nunca, n'uma curiosidade doentia, escogitar o mal.

Digitized by Google

Era da terra aquelle coração tão cheio de amôr pelos queridos paes, tão desejoso de vêr seus irmãos trilhar o caminho do bem, esses irmãos sobre quem velava com inexcedivel ternura Era da terra aquelle coração que tanto amava as creancinhas, os simples, os pobres, os humildes, acariciando, confortando a todos que se approximavam d'ella ou a quem ia procurar nas suas miseras cabanas.

Mostrava tanto interesse pelos pobresinhos, fazia-lhes tantas perguntas que os deixava morrendo por ella. Era poeta, era pomba, era flôr, era diamante, era anjo, era o raio de sol que a todos illuminava e aquécia. As suas mãos de fada transformavam a capella em jardim do céu tal era o amor o esmero com que a enchia de flôres. A's salas dos seus Paes á meza do jantar dáva o cunho da sua Personalidade toda harmonia toda Arte.

Amava a vida simples de familia, as brincadeiras na Matta florida, as conversas com os queridos irmãos, para quem sonhava um futuro de gloria ambicionando para um d'elles a vida do mar cheia de attractivos para aquella natureza enthusiastica.

Ia por condescendencia a bailes ou soirées, não a movia a vaidade, o desejo de brilhar e ser admirada, se a gabavam affligia-se e dizia: «Deus queira que isto não cause pena a outras raparigas a mim é-me tão indifferente:» e era! Amava os jogos como o tennis e sobretudo montar a cavallo; dava então largas á sua imaginação tão pittoresca, tão cheia de frescura e voltava feliz d'essas correrias pelos campos perfumados. Deliciava-se em junctar na sua linda salinha a familia queridissima: era Ninho e Sanctuario. Alli tinha reunidos os mil objectos de um gosto requintado e aristocratico: etagéres desenhadas por ella, molduras, por ella inventadas, moveis graciosos, bordados delicadissimos, e estatuas, gravuras, livros do Ideal da su'alma a grande Joanna d'Arc.

Digitized by Google

Toute âme est soeur d'une âme

Lamartine.

A de Maria de Mello e Joanna d'Arc eram gemeas, feitas ambas de ardôr e candura, de singeleza e piedade, de poesia e intrepidez. O seu desejo de *fazer felizes* traduz-se n'esta originalissima exclamação: «Oh Mãe quem me déra ter em casa uma velha, tonta.» «Oh filha, para quê.» «Para fazel-a muito feliz.» Não era ella uma alma para o ceu e um coração para a terra?— Votára tambem á Rainha um affecto enthusiastico e S. M. chora-a como se fôra uma irmãsinha que perdera.

Ultimamete tinha realisado a sua maior ambição a de ter uma Charrette que ella propria governasse. No sabbado 20 de setembro saiu de casa louca d'alegria, governando o cavallo que enfeitára com flôres por ser a primeira vez que o levâva tão longe; de Cintra a Cascaes. O pae que a idolatrava ia ao lado d'ella e ella, radiante exclamava: Oh meu pae isto é completamente bom.» D'alli a breves instantes, sem que o pae possa dizer como se deu a horrenda catastrophe eram atirados á estrada onde ficáram banhados em sangue, Elle sem sentidos, ferido, Ella... sem vida. Achou-se aos pés de Deus onde por toda a eternidade repetirá n'um extasi: «Oh meu Pae isto é completamente bom.» Manifestara por vezes o desejo de morrèr nova e rapidamente para não vêr a angustia dos queridos paes juncto do seu leito.

Não tenho medo da morte e tenho medo do «mundo» e o Senhor ouviu-a e levou-a para si envolta na innocencia baptismal.

Caso tocantissimo. Quem primeiro accudiu áquella creança morta foram umas mulheres do campo que com a maior

Digitized by Google

ternura lhe lavaram o rosto, estenderam o corpo sobre as almofadas da Charrette e abriram um grande chapéu de sol para melhor a abrigarem e protegerem. Depois sentaram-se juncto d'aquella «Bonina cortada antes de tempo» e as primeiras lagrimas de dôr e saudade que sobre ella cairam foram as das filhas do povo, que a encantadora Maria tanto amara e a quem fizera tanto bem.

IZABEL SALDANHA DA GAMA.

Digitized by Google

A UMA POBRE MÃE

Ao encontro da linda e pallida donzella,
Que, timida, dos ceus passa o humbral radioso,
Sorridente, caminha o grupo gracioso
Das virgens, que o destino atroz ceifou como ella.

Trazem palmas na mão e fulgida capella
Na fronte e vêm cantando um côro harmonioso:
— « Sê bem vinda, ó cecem inda em botão mimoso!
Vem ser entre nós, flôr, a flôr mais pura e bella.

Sorri! Une a tua voz á nossa! Teu martyrio
Breve instante durou. E agora, ó casto lyrio,
A ventura dos ceus infinda vaes gozar! »

Mas a virgem, baixando o doloroso olhar:
— « Não posso ser feliz, meigas irmãs do Empyreo,
Emquanto ouvir na terra a minha mãe chorar! »

Paris, 25 de Setembro de 1902.

JAYME DE SÉGUIER.

Digitized by Google

MARIA

Ella governando o carro, o pae a seu lado, enlevado sempre na doçura de seus encantos, como iam contentes estrada fóra, n'aquella manhã de setembro, rutilante e suavissima! Já lhes ia ficando para traz a serra de Cintra com seus penedos acastelados e o rumor de seus pinhaes sombrios, que tanto ajuda chimeras dos que sabem illudir-se. Caminhavam para o oceano, que, lá em baixo, tambem cantava, pondo na areia sua grinalda de espumas brancas. Era o adeus da serra; era o mar que lhes dava as boas vindas. Como iam contentes!

Quem visse o Conde não diria que a engrenagem do tempo se ia preparando para lhe marcar a hora taciturna do entrar na velhice. Pois já, de quando em vez, alguma saudade haveria experimentado, cantando em sua alma n'aquelle tom menor em que a lua no minguante, alta noite, se põe a espreitar por detraz das serras. E' que elle ainda não tivera tempo para reparar na maior pallidez do céo, nem para ouvir na estrada a restolhada das primeiras folhas seccas por um vento mais frio desprendidas da arvore. Chega a ser bom envelhecer-se quando um amor nos enternece e aquenta. Levava á sua ilharga o mais resplendente abril.

Digitized by Google

Olhando para a filha, ouvindo-lhe notas de seu coração transparente e vibrante como de cristal, um sorriso lhe era bastante para desfazer-lhe a nuvem tenue.

Que nome lindo era o seu, nome que é na historia santa todo um cantico de ternura! Para os de casa e para os amigos, que sobrenome de extremo affecto! Ai, quanta vez, n'aquella manhã elle o murmuraria extasiado!

Publicou o Conde de Sabugosa, ha muitos annos, pouco depois de casado, seus primeiros versos n'um jornal de Coimbra, em cuja universidade andava concluindo sua formatura. Fui eu que, primeiro, em minha casa, os mostrei a seu pae, o Marquez. Falavam d'um berço, d'uma creancinha, — estava o Vasco para nascer — e o Marquez poz-se-lhe a voz a fugir, os olhos a encherem-se-lhe de lagrimas. Tanto da scena me lembrei quando me vieram dizer que o Conde, por seu turno, já era avô!

Nasceu o Vasco, nasceram mais duas filhas aos Condes de Sabugosa e foram muito companheiros de meu filho e de minhas duas filhas que nasceram depois. Quantas vezes os vimos todos juntos brincando, e as suas vozesinhas alegres parecia-nos que desciam do céo como a das cotovias em madrugada fulgida. Quantas vezes passearam juntos n'aquellas mattas de Cintra! Chegavam a casa estafados e risonhos e deitavam-se nos berços, trinando n'uma deliciosa lingua de trapos a historia do seu dia. Ennovelavam os corpinhos sob a roupa, como as malvas e estevas da charneca, e adormeciam a sonhar com os anjos.

Morreu a filha mais velha do Conde e foi enorme tristeza para todos.

Mas a outra ia crescendo forte, linda, maravilhosa perola, e os paes, ainda com mais amorosa devoção, lhe beijavam a mãosinha que tecia sua felicidade, a sonharem que n'uma ultima caricia ella lhes havia de fechar os olhos.

Correram os annos bons para os Condes de Sabugosa,

Digitized by Google

tão felizes n'este mundo, quanto elle em sua pequenez pode abrigar a ventura. Chovíam sobre elles as bençãos de Deus, decerto invocadas pela benção dos homens.

Era esplendida a manhã e o Conde com a filhinha a seu lado, e ella tão contente, que mais queria do que o raio tepido d'uma primavera para desfazer as primeiras neves dos cincoenta annos?

E, em menos de meio minuto, quiz a brutalidade ferina do acaso que tudo se esfacelasse, realidades do presente, idealisações do futuro. A pobre creancinha ali ficou morta, e o pae, ainda mais infortunado, apenas ferido, acordando de seu deliquio para negar-lhe o coração enlouquecido pela dôr o que seus olhos pasmados viam de sua desgraça.

Pergunta a gente a Deus de infinita bondade porque não ha de haver felicidade na terra e tanto nos devem assustar os bens com que nos favorece.

Tinham-lhes acudido umas santas mulheres do povo que por ali andavam trabalhando e que dentro em suas almas encontraram requintes de mimos e compaixão. Repousaram a cabeça da desgraçadinha sobre almofadas, livraram do sol o delicado corpo já insensivel, ajoelharam a seus pés.

Parece que adivinhavam o que mais tarde lhes haviam de contar d'aquella cujo cadaver enternecedor assim rodeavam de religioso affecto. Deram-lhe suas lagrimas que o sol evaporou n'um subtil nevoeiro iriado, bastante para erguer aos céos a alminha sem peso d'uma só macula.

No pallido fim de tarde de outomno em que a acompanhámos ao cemiterio, scenario tão de molde para afagar tristezas do pensamento, iamos recordando muita coisa que vimos, outras que nos contaram.

A gente é que nem sempre repara, quando pode ou quando deve, no que passa em torno de nós; a memoria do coração vê melhor do que muita vez os olhos, que muita luz faz cegos. Ha criaturinhas que andam ao nosso lado e

Digitized by Google

não reparamos que seus pés não tocam na terra; em seus olhos, em seu riso, ha sonhos que não são d'este mundo. Só depois se recordam casos, ditos que impressionaram um instante, que logo se quiz com agoiro esquecer, mas em que, mais tarde se reconhecem o gesto, o timbre da voz do anjo que n'aquelle corpinho habitava.

A chamma que brilhava intensa, fixa, com sua ponta direito-erguida para o céo, como a de cirio n'um altar, apagou-se para sempre; mas, a cada hora que sôa, a saudade de sua luz entristece a lembrança. O dia mais negro do passado e de que mais se maldisse, atravez do muito espesso nevoeiro que o separa do presente, apparece agora todo luminoso. Punge o remorso das horas sombrias, desesperos, angustias soffridas por tão pequeninas miserias da vida. Como se não fôra bastante, para alegrar os dias, a convivencia d'um anjo, com um riso sempre para acompanhar e dar força ao riso, um sopro perfumado para desfazer uma nuvem, um beijo para limpar uma lagrima! Triste condão da humanidade o bem só conhecer em todo seu valor, quando o bem lhe foge!

Por muito tempo, em casa dos Condes de Sabugosa ha de fluctuar o aroma delicioso de suas azas d'ella, que tão mansinhas se moviam n'um adejo, dos mais ignorados, para as altas regiões muito para além do azul; ha de fluctuar o ecco de suas canções murmuradas baixinho por sua alma tão pura como o setim dos lirios, tão carinhosa como o sussurrar d'uma fonte sobre os musgos densos.

Os Condes de Sabugosa teem mais filhos, todos herdeiros das virtudes que tornam tão sympathica aquella familia sem uma excepção; têem uma filha, um encanto; têem uma neta. Ainda muitas auroras lhes hão de nascer, ainda que tenham a melancolia d'esta doirada tarde serena de setembro em que tristemente escrevo.

Parece que toda a vida foi hontem, que o dia d'hoje de

Digitized by Google

tamanha dôr não ha de ter ámanhã. Mas se as ontras criancinhas ali estão!

A' noite em volta da mesa, no quieto conchego do circulo luminoso, quando os paes se distrahirem um instante da sua meditação ou das paginas do livro erguerem os olhos cançados, hão de sempre encontrar a luz d outro olhar que os procura inquieto e desvelado. Sem que uma só palavra troquem, responde um coração ao outro, como rouxinoes amorosos. E' um exalar manso de amor, tão manso como o do perfume das verbenas pelo silencio da noite. E parece então que as antigas poltronas onde adormeciam os velhos avós, as mesas a que se encostavam, os quadros, os oratorios, sorriem todos, velhos amigos que guardam em si um bocadinho das almas dos que se foram.

Na casa velha, onde fantasmas brancos deslisam discretos, na suave melodia que lhes cantam saudades mais um agora descerá, abrindo sobre todos suas azas brancas de possante envergadura, sobre a cabeça dos paes, sobre a dos irmãos. Pairando no espaço, deixará sobre ellas cahir as bençãos de Deus, de Deus que a chamou a Si, Deus de bondade que a queria no céo.

João da Camara.

Digitized by Google

D. MARIA DE MELLO (SABUGOSA)

Ainda dias tristes...

Planta-se uma rosa, dá-nos a terra um goivo: — a alma dos nobres condes de Sabugosa acaba de experimentar esta dura e amarga aberração.

E' no meio da felicidade que a desgraça se abate, como um abutre sanguinario, para saciar a sua sêde de infortunios.

D. Maria Sabugosa, rica, feliz, invejada talvez, nascida no berço d'oiro de todas as venturas, vivendo rodeada de caricias, via abrir-se, risonho, um florido futuro estrellado de esperanças. Nos seus olhos de uma tão suave candura espreitava constantemente a sua linda alma, toda cheia de luz, plena de bondade. A realeza augusta do seu porte dava-lhe um ar de soberana; ella, porém, usava, apenas, liberalmente d'essa omnipotencia, que Deus lhe collocára sobre a cabeça, para sorrir e para fazer bem. Carinhosa com todos os humildes, singela e radiosa, como uma Santa diademada, andava na Vida como uma precursora; ia ao encontro das miserias e alliviava-as; se uma desventura batia á porta d'oiro do seu coração, abria-se de par em par essa luminosa morada da felicidade e a muita luz que havia lá dentro, irradiando, era já uma dôce consolação para as almas afflictas.

Digitized by Google

Herdára D Maria Sabugosa, de seus paes, estas preclarissimas virtudes; e Deus, vendo tanta sublimidade e tanto desprendimento de mundanas vaidades n'aquelle lar, quiz experimentar a força d'alma de uma familia respeitada e querida entre todas as classes, e levou para si mais um Anjo...

Por mais fortes e bem temperadas que sejam as energias, ellas fraquejam sempre ao contacto da frialdade de um tumulo que se abre para esconder uma grande parte da nossa alma:—é como se nos enterrassem a nós mesmos; e emquanto o sol ri, magnificamente, nos altos céos, e a terra toda, pelas mil boccas das suas plantas e das suas venturas entôa um hymno de gloria, o nosso coração, gelado e morto, chora e sangra, já não tem arrancos de enthusiasmo nem dôces extasis de ventura.

Não ha consolações para tão enorme dôr; mas se a communhão no mesmo soffrimento approxima as almas, identificando-as para sentir a mesma dilacerante agonia, os nobres condes de Sabugosa devem ter tido a rara e exquisita e consoladora certeza de que o paiz inteiro ajoelhou commovido ao lado d'aquelle ataúde de Virgem.

E assim se planta uma rosa para a terra, depois, nos dar um goivo...

(O Arco Iris, Anno I, n.º 2 de 28 de setembro de 1902)

José Sarmento.

Digitized by Google

A MARIA, CONSOLADORA DOS AFFLICTOS

PELOS CONDES DE SABUGOSA

Era graça, era enlevo, era alegria
n'aquelle dôce lar, — entre ara e ninho.
Não és mais branca flôr, ó flôr do linho!
Não és mais clara luz, ó luz do dia!

Quiz o Ceu tanto amor, tanta poesia,
candura tanta a esmorecer-te, arminho.
E riu-se, quando um Anjo de mansinho
em vossas mãos a foi depôr, Maria!

Mas vós, que inda sois mãe, sabeis, Senhora,
que immensa dôr, que dôr devastadora,
custaram desse riso os vivos raios!

Pois sois grande, ganhae grande victoria;
deveil-a a infinda angustia, á vossa gloria:
ha dous inconsolaveis, — consolae-os!

20 de outubro

José de Sousa Monteiro.

Digitized by Google

MARIA DE MELLO (SABUGOSA)

Para falar d'ella como na minha memoria apparece, como, entre copiosas lagrimas, o meu olhar a evoca, eu precisaria de ter na voz a graça melancolica, o rythmo ondulante, a poesia ineffavel da musa atheniense.

Todas as palavras me parecem mesquinhas, para, com ellas, querer fixar a imagem d'aquella fignrinha fragil, deliciosa e leve, vaso de alabastro — ai de nós! quebradiço e ephemero, que continha a alma mais innocente, mais radiosa, mais pura, alma nostalgica do ceu, tanto a sêde natural da belleza a transportava e como que alheiava de todos nós.

Os que de perto a conheciam, os que tiveram como eu, o privilegio hoje bem triste, de a ter seguido, desde a sua infancia, toda risos de alegria, até á sua mocidade, toda claridades do ceu, bem sabem quanto ella — a dôce somnambula, a visionaria envolta nas dobras brancas do seu sonho, — era inadequada para a dura, para a miseravel Vida que nós todos vivemos, acurvados ao peso de tanto desengano, e tanta dôr.

Ella ignorava o mal; não sabia, senão pelas revelações da sua dôce caridade, que a Desgraça existia. Linda, de uma lindeza aristocratica, leve, risonha, de multiplas ex-

Digitized by Google

pressões; de uma lindeza original que lhe vinha, estou certa, por explicavel atavismo, de uma das suas adoraveis avós francezas do seculo XVIII, uma d'aquellas avós que fugiam ás pompas de Versailles na graça idyllica de Trianon; que riram com Maria Antoinette e que morreram com ella; que tiveram a requintada elegancia na vida, e a sublime heroicidade na morte, na guilhotina fatal que as decepou... ella apparecia na nossa sociedade e no nosso meio, como uma visão estranha, de indecifravel poesia.

Poucos a entendiam bem, porque a poucos é accessivel comprehender o que não sabem sentir.

O que interessava, alegrava, attrahia as outras raparigas, para ella não tinha significação nem encanto.

Amava a belleza *em tudo*, sem, a si mesma, explicar ou dizer porquê; tinha esse dom maravilhoso, esse dom raro, que nos faz ver a Vida, não nos seus aspectos complexos, alguns tão dolorosos, outros tão mesquinhos, mas só na sua face radiante de luz, coroada de flôres, por onde passam rythmos, perfumes, melodias, e sons de harpa eolia occulta entre arvores de mysterio...

Correr a galope por um campo vasto, seguida pelo seu enorme cão dinamarquez, e parecendo gentilissima figura arrancada á pagina de uma ballada antiga ou a uma téla de Velasquez ou de Van Dick; embeber-se no perfume das flôres, que ella cultivava com especial esmero, com que tecia verdadeiros poemas; a que sabia communicar uma alma de alegria e carinho, quando as lançava em festões de uma arte, que era só d'ella, sobre a meza das doces festas intimas; ou uma alma de devoção e de mystico fervor, quando as enfeixava sobre o altar da Virgem, de quem tinha o nome; dar á casa querida de que era a poesia, a animação, o original e supremo encanto, aquelle tom unico que ella sabia imprimir-lhe, porque era feito da innocencia do seu riso, e da insondavel, da mysteriosa poesia

Digitized by Google

da sua alma: eis as coisas que acima de tudo, amava e queria.

Ella e a adoravel irmã que hoje chora em jorros de lagrimas a perda da companheira querida, completavam-se pelo mais encantador dos contrastes. Uma era a ordem, a previdencia, o espirito pratico, a attenta abnegação; outra a phantasia imprevista, o espontaneo impulso, a imaginosa e communicativa alegria.

Ambas dentro de casa — n'aquella casa ideal de Santo Amaro, que uma nuvem de luto vae para sempre obumbrar e que era para ellas o seu reino, o seu mundo, — lembravam pela diversidade dos temperamentos e das attribuições as duas figuras do Evangelho: Martha e Maria.

E como no Evangelho, é ainda Maria quem escolheu o *melhor quinhão* e é a irmã que hoje chora sem consolo, abraçada á Mãe que se não póde consolar.

E como poderão consolar-se de a ter perdido, n'uma catastrophe que, até pelas circumstancias que a revestem, tem um não sei quê da fatalidade antiga, uma grandeza tragica que apavora e assombra, aquelles para quem ella era um sonho ideal realisado, uma visão da mocidade amorosa, tomando fórma e a fórma mais linda e mais doce e de encanto mais aereo e subtil!

Os condes de Sabugosa casaram muito moços. Duas creanças quasi. Ella era já a promessa gentil da perfeição completa que veiu a ser mais tarde.

Elle era o poeta de alma, entre todas delicada e fina, que pela evolução mais logica e natural da vida, se tornou n'essa figura admiravel de nobreza, honra e talento, de velha fidalguia cavalleirosa e de moderna cultura, que constituem o typo modelar, em que nós, os seus amigos, nos revemos com embevecido orgulho.

Esse par excepcional que hoje, na hora supremamente tragica do seu destino vê na consternação de centenares

Digitized by Google

de pessoas, na ternura impressionadora da Rainha, na commoção de El-Rei, na dôr quasi allucinada dos amigos, que sementeira de affectos colheu em ceara de lagrimas — esse par que tão feliz encetou a existencia, não sonhou decerto nas primeiras alegrias do seu noivado, sob os choupaes do poetico Mondego, uma filha mais adoravel, uma creatura de mais rara eleição, do que esta, que uma catastrophe tremenda lhe arranca dos braços carinhosos, em plena exhuberancia de vida e de alegria, em pleno goso de tudo que ha puro e bom na terra!

*

* *

Paes martyrisados, almas que a dôr mutilou!... E' por elles que eu choro. Não por ella que morreu sem ter sabido que na terra havia maldade e dôr; sem ter sabido que a gente perde o que mais ama; é ferida pelas mãos que mais beijou; e que nada dura; e que tudo é fugitivo e rapido; e que o Ecclesiaste disse a verdadeira palavra da Vida quando condemnou como vaidade e só vaidade tudo que julgamos nosso e que é do Destino atroz que nol-o rouba, mal o possuimos um instante!...

E ella que amava tanto o que é bello, e grande e raro, e marcado de estranho sello, devia, se lhe tivessem dado a escolher, ter querido o destino completo que teve.

A vida: um sonho de felicidade. A morte: uma coisa fulminante que a arrebatou em toda a sua belleza incontaminada pela doença, em todo o fulgor da sua mocidade fresca, pura, innocente e radiosa.

E o cortejo que a acompanhou na primeira parte da sua viagem, esse cortejo expontaneo e dolente, em que as raparigas soluçavam, em que velhos e moços deixavam resvalar pelas faces rugosas ou imberbes as lagrimas que não

Digitized by Google

podiam conter, e em que nenhum artificio se mistura va; isto sob o pavilhão de saphyra d'este céo sem rival, na beleza d'esta bahia que scintillava em vivas escamas de luz, e em que, mar e céo pareciam dizer á linda morta de vinte annos que partia, coberta de rosas brancas:

— Nós somos apenas o reflexo esmorecido do mundo de mysterio, para o qual a tua alma se evolou. Ave de estranhos climas, não eras feita para a Vida inhospita

Eras uma scentelha de luz divina que na luz que não morre se foi fundir. Eras do céo, e para o céo fugiste.

Manda, de lá, a doçura das lagrimas, aos que hoje choram por ti lagrimas que ainda são só de fel.

Cascaes, 22 de setembro de 1902.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Digitized by Google

O' LAGRIMAS, CHORAE!

Queimam-me o peito as lagrimas que vejo
E sinto que os meus olhos vão chorar.
O' lagrimas, chorae! . . Correi sem pejo,
Maiores, mais amargas do que o mar!

O' lagrimas, chorae!... — Ondas do Tejo,
Não é mais triste o vosso soluçar! —
Morreu a Flôr! — o encanto, o riso, o beijo
Dos pobres paes, do desditoso lar!

O' lagrimas, chorae!... Chorae por ella
Aves do ceu, chorae vossa irmãsinha
Madresilvas, violetas, laranjaes!

Pensar que era tão linda e tão singela,
E pensar que era mesmo uma andorinha,
E que voou, e que não volta mais!!

29 de setembro de 1902.

MARTINHO DE BREDERODE.

Digitized by Google

O LYRIO DECEPADO

A' MEMORIA DE D. MARIA DO CARMO MELLO (SABUGOSA)

N'um cantinho retirado de um d'esses formosos jardins, em que a arte, graciosamente alliada á natureza, consegue reunir em um espaço relativamente limitado, as mais bellas flôres das mais diversas regiões, e as arvores frondosas e arbustos agrestes dos nossos bosques, existia um viçoso pé de lyrio, cujas flôres mimosas e puras, jámais foram manchadas pelas perigosas cantharidas ou qualquer outro insecto malfazejo.

Era o enlevo de todos essa formosa flôr alli nascida entre um limpido regato e uma longa rua verdejante e sinuosa. O camponez inculto gabava-lhe a brancura immaculada, as damas elegantes, o incomparavel aveludado das folhas; o artista admirava-lhe a singela elegancia das formas, e o poeta o seu perfume suavemente penetrante, e a dôce e subtil poesia, que d'ella emanava.

Ao vel-a, as almas fervorosas lembravam-se logo de um lyrio celeste; os tristes, sorriam-lhe melancolicamente attrahidos por inexplicavel sympathia; e as proprias creanças irrequietas, ao passarem por alli, suspendiam por um momento os seus folguedos; para não molestar involuntariamente a formosa planta.

Digitized by Google

Por entre as lindas e variegadas flôres que a poucos passos ostentavam no prado vizinho as suas opulentas côres e deliciosa fragancia, nenhuma tinha encantos superiores áquella florinha mimosa, collocada pela providencia n'um isolamento relativo, e que muitos procuravam cantar, e retratar, sem comtudo conseguirem reproduzir-lhe a encantadora singeleza, tão graciosamente original.

Estava ainda cheia de vida, e parecia dever deleitar por longo tempo os olhos de quantos a avistassem, porém um dia, dia fatal, ao entrar no pequeno bosque, senti-me envadido por uma tristeza inexplicavel, e tudo me pareceu ter soffrido uma transformação mysteriosa.

Deparei então com o pobre lyrio ainda na vespera tão viçoso, separado da sua haste, e delicadamente pousado sobre a terra humida, conservando ainda uma ephemera frescura..

Que terrivel catastrophe teria assim bruscamente derrubado aquella sympathica e mimosa planta? Mysterio! Não houvera vendaval algum, o céu estava sereno, e os passarinhos chi reavam docemente sobre os verdes ramos intactos das arvores, que a rodeavam. Não fôra tambem desastre causado por mão brutal, ou malfazeja, pois a relva aveludada não apresentava vestigio algum de pressão violenta nem de homens, nem de animaes: pelo contrario, já mão piedosa e desconhecida tinha carinhosamente levantado a pobre flôr decepada, aspergindo-a com as aguas limpidas do regato, cujas gotas brilham como lagrimas em volta d'ella, para lhe conservar por mais tempo uma illusão de vida!

Passára alli apenas um sopro... um só .. duro e fatal... o sopro da morte!

...E ao ver isto chorei, chorei amargamente, porque era visivel a analogia entre o destino d'aquella desditosa planta, e o de uma outra flôr humana, a quem a morte cei-

Digitized by Google

fou ha pouco á beira de um caminho, por uma formosa manhã de estio, em toda a plenitude da frescura e da belleza — Alma pura de artista amante das maravilhas que Deus creára, cuja influencia dôce e insinuante se fazia sentir muito além do seu circulo familiar. Profundo foi o vácuo que o seu desapparecimento deixou, não só no coração dos seus desolados paes, como a todos que de qualquer fórma a conheceram.

Frequentes são os symbolos que dia a dia nos recordam a sua graciosa imagem, desde a folha ainda verde que o vento despega da arvore, até á flôr delicada que desabrocha rapidamente ao calor enganador d'estes bellos dias de outono, para cahir ainda cheia de vida ao inesperado sopro da primeira nortada.

(*Estrella d'Alva*, Anno II, n. 42, 2 de novembro de 1902.)

M. S. C.

Digitized by Google

D. MARIA DE MELLO (SABUGOSA)

Quem nos diria que, ao inserir pela primeira vez nas columnas dos *Echos da Aveniaa* o retrato d'esta desventurada senhora, o teriamos de fazer, não para render um culto de sincera homenagem á sua formosura e gentileza, mas para prestar-lhe o derradeiro preito devido aos que partem para nunca mais voltar, deixando-nos impresso na alma o sulco profundo da mais immurchessivel saudade?

Quem nos diria que, em vez de um hymno festivo enaltecendo-lhe as virtudes, os encantos, teriamos tão cedo de entoar uma elegia pranteando-lhe o fatal destino?...

E, todavia, ante a brutal realidade dos factos, forçoso é que nos curvemos. Como a d'essas mimosas chrysalidas que, livres do delicado envolucro que as prende, vôam momentos pelo espaço embriagando-se com o estonteante perfume das rosas, e morrem passadas horas envoltas na mortalha que lhes offerece o calice de qualquer pequenina flôr, assim tambem a alma da mallograda senhora se desprendeu do gentilissimo corpo que a encerrava para librar-se ás espheras do incognoscivel.

Não lhe valeram mocidade, formosura, espirito, graças, coração – precioso escrinio de raras virtudes—para a pouparem ao rigor da morte, para affastarem d'ella o infortu-

Digitized by Google

nio que a colheu de improviso, brutalmente, implacavelmente, arrancando-a aos carinhos dos seus, cavando-lhe a sepultura quando tudo lhe sorria—a natureza com todos os seus encantos, o mundo com todo o seu cortejo de illusões.

Morreu quando para ella começava precisamente a vida; quando a beijavam auras d'amôr e de poesia; quando a longos haustos respirava a felicidade, e no seu coração delicado de mulher palpitavam ridentes sonhos côr de rosa, todas as illusões supremas dos vinte annos!...

Fatal destino o seu!

Mas não menos fatal e cruel o de esses pobres paes que n'esta hora de intimas dôres esgotam até ás fezes o calice da amargura e regam de lagrimas a sepultura da querida morta. Para ella, a sorte foi deshumana, ceifando-a no viço da mocidade, em pleno goso de todas as venturas. Mas arrebatou-a de subito, como o furacão arrebata a folha cahida no caminho, e poupou-lhe o angustioso soffrimento, o tremendo supplicio d'aquelles que lhe pranteiam a perda, e que a toda a hora, a todo o instante recordam a tragedia, a reveem, a evocam, a refazem no espirito...

Ah! para esses não ha palavras de conforto que lhes sirvam de lenitivo, não ha balsamo que lhes suavise a cruciante dôr... a maior dôr humana!

Que durma em paz o seu ultimo somno a filha dos condes de Sabugosa. Desfolhando na sua campa um modesto ramo de violetas, a redacção dos *Echos da Avenida* endereçam á enluctada familia a expressão sincera das mais sentidas condolencias.

(*Echos da Avenida*, Anno XIII, n.º 621 de 28 de Setembro de 1902).

MORAES LEAL.

Digitized by Google

D. MARIA DE MELLO (SABUGOSA)

CARTA DE LISBÔA PARA O «PRIMEIRO DE JANEIRO»

Outra occorrencia tragica! Quando é que terminará esta série de acontecimentos dolorosos, ou criminosos, que tem, nos ultimos tempos, emocionado o paiz inteiro? Não imaginam a profunda impressão que causou a enorme desgraça acontecida á familia Sabugosa! Paira uma densa tristeza sobre a alegre Cascaes; sustaram-se todos os divertimentos e não ha senão palavras de melancolia por esse horrivel desastre que lançou na sepultura uma dôce creança linda e boa, que tem ás portas da morte um dos mais bellos caracteres e espiritos da nossa alta sociedade, que esmigalhou em dôr uma familia amada e querida por todos que d'ella se avisinham.

Não lhes fallo dos incidentes d'essa desgraça. O telegrapho já lh'os noticiou. Embrulhada n'uma manta, foi trazida de sobre a poeira da estrada onde jazia ensanguentado, o cadaver de uma rapariga de vinte annos, linda, alegre, a quem a vida parecia sorrir. Sem ainda conhecer a enormidade da sua desventura, foi prostrado no leito seu pae, que parece ser perseguido pela infelicidade. Ha annos, jogando o *tennis*, se bem me recordo, quebrou uma perna; ha dias, por um milagre, como diz o povinho, não foi esmagado por um carro electrico. O que será o seu despertar á vida quando conhecer a pungente realidade?

O conde de Sabugosa é um dos raros — rarissimos! — verdadeiros fidalgos do nosso paiz. Descendente de he-

Digitized by Google

roes, representante dos destemidos e gloriosos Cesares, elle sabe levar com nobreza e galhardia o peso de muitos seculos de illustração e de serviços dos seus maiores. E', precisamente, o verdadeiro typo, pela sua distincção natural, do velho aristocrata; apesar de já ter dobrado o cabe dos quarenta annos, poucos rapazes o vencem no garbo e elegancia, onde, ao inverso dos *parvenus*, não ha pretensão nem exaggero. Muito grave e aprumado, não conheço quem seja mais affavel, sem permittir intimidades de mau gosto nem exaggerar-se em falsos requintes de cortesania. Contrasta, pela sua gentileza de maneiras, com os enriquecidos modernos, com muitos d'esses condes feitos á pressa que imaginam ser signal de superioridade o terem ares de desdem e que se envergonham de fallar com carinho aos pobres, aos humildes. Espirito cultivadissimo, é um poeta delicado e um prosador muito elegante, tendo um logar distincto no nosso mundo litterario; ha trabalhos seus d'um fino lavôr artistico. Par do reino, é um dos raros fidalgos antigos que honram o parlamento.

Sua mulher, a sr.ª condessa de Murça, tambem da velha aristocracia, é um dos mais *femininos* e nobres espiritos de mulher. D'uma bondade e virtude inexcediveis, ainda hoje com belleza, um finissimo ar, tem entre as senhoras da sociedade um dos primeiros — senão o primeiro — logares. O que será, a estas horas, o seu coração, pranteando uma filha morta e escondendo os soluços junto do leito onde vigia seu marido, ás portas da morte?

A carta d'hoje é curta e triste. Tem sido cortados de coisas dolorosas muitos dos ultimos tempos. O verão d'este anno assignalou-se por acontecimentos profundamente desagradaveis! D'aqui mando, aos condes de Sabugosa, a expressão sentida da minha grande magoa.

(*O Primeiro de Janeiro*, Anno XXXIV, n.º 225, 23 de setembro de 1902.)

Digitized by Google

D. MARIA DE MELLO (SABUGOSA)

Em pleno fulgor da mocidade, radiante de belleza e de graça, sorrindo á vida e ao encantado amor dos seus, por uma bella manhã de setembro, decoração soberba dos seus floridos desenove annos, ao lado de seu pae, de quem era *a luz dos seus olhos*, D. Maria de Mello, risonha e despreoccupada como se os dourados horisontes da sua vida não tivessem de se cerrar tão cedo, foi victima da brutalidade feroz do acaso, terrivel acaso que n'um minuto transformou uma alegria immensa em enorme tragedia.

Não lhe valeram mocidade, formosura, gentileza, coração —precioso escrinio de adoraveis virtudes— para a pouparem ao infortunio que a colheu de improviso.

D'aquella que era toda virtude, toda bondade, encanto d'uma familia inteira, querida de quantos a tratavam, sympathica a quantos a viam, só resta o corpo candido, de ternura, que a terra humida e fria, terra maldita, a terra ingrata do coval esconde!

*

Entre as familias da nossa nobreza e entre os que constituem a *élite* da alta sociedade, difficil será encontrar quem

Digitized by Google

reuna tantas sympathias e affectos como a familia Sabugosa. Alliando á fidalguia de raça, um distinctissimo trato social e uma finissima cultura de espirito, os membros da familia Sabugosa são verdadeiros exemplos d'essa rara e preciosa correcção intellectual e moral, que se vae perdendo, infelizmente. As manifestações de que foram alvo no angustioso momento em que viram desapparecer-lhes para sempre a Filha adorada, prova bem a unanimidade da respeitosa sympathia que todos lhes tributam.

Desde a Familia Real aos mais humildes cidadãos, uma sociedade inteira associou-se intimamente, sinceramente, á sua dôr pungentissima.

*

Não ha consolações para dôres taes; mas a enorme compuncção social produzida por aquelle tragico successo, deve ter causado algum bem a esses paes desoladissimos, para quem a vida não mais terá uma hora sequer de despreoccupada alegria, e cujo pensamento procurará sempre além, nas mysteriosas regiões onde Deus acolhe os seus eleitos, a alma immaculada d'aquelle amor seu que tão cedo partiu da terra.

D'*A Semana*. Angra do Heroismo, 30 de novembro de 1902.

S. DE MENEZES.

Digitized by Google

A TRAGEDIA DE CASCAES

Dá-se um phenomeno extraordinario com os espectaculos que mais profundamente emocionam a alma: fixam-se na retina ou no ouvido d'aquelles mesmos que os não presencearam, como se a intensidade do sentimento, despertado por um caso tragico, transformasse esse sentimento em sensação, e desse uma tal acuidade aos sentidos, que os fizesse actuar como se recebessem uma vibração immediata e directa.

Assim, eu tenho impressas no olhar, como se as tivesse visto, essas duas phisionomias torcionadas pela dôr, uma fulminada já pela morte, a outra, ensopada em sangue, n'uma expressão de terror e de espanto, que não se poderia dizer se sobre ella pairava a morte ou a loucura.

«Salve-me a minha filha, salve-me a minha filha; não, a minha filha não está morta.» São estas palavras, em que o maior martyrio humano encontrou a sua formula pavorosa, que eu tenho gravadas no ouvido, como se ellas tivessem ferido toda a minha sensibilidade, e se não calasse ainda a sua ultima vibração dolorosa.

*

E porque não havia de perturbar todas as alegrias, de estancar risos e provocar lagrimas, esta tremenda catas-

Digitized by Google

trophe que enlutou uma familia querida e emocionou uma sociedade inteira?

A intensidade da dôr que um determinado acontecimento produz, a perturbação que os corações experimentam em presença de um caso sensacional, é claro que são determinadas por elementos de muita ordem, por multiplos factores de diversa natureza, e nunca tantos se conjugaram para vibrar e ferir a sensibilidade publica.

A elle toda a gente lhe quer. A velha nobreza do reino tem no conde de Sabugosa um dos seus representantes mais puros e mais lidimos. A fidalguia das suas maneiras, a simplicidade da sua vida, a atmosphera que se faz em torno de uma recta consciencia, e que elle soube espalhar em volta da sua, tornam-n'o por egual querido de todos.

Tendo preparado o espirito com um curso universitario, conseguiu libertal-o de todas as peias e velharias que são, não raro, materia adstricta, ou antes a poeira d'aquella estrada, deu-lhe a mais aprimorada cultura moderna, envolveu-o n'um ambiente de fino gosto e de pura arte, e de tal fórma soube fundir na propria individualidade o poeta, o homem de côrte, e o chefe de familia, que o seu lar modelo tinha o quer que fosse de invejavel, lar em que a felicidade residia em toda a sua plenitude, que o mais meticuloso e apurado bom gosto subtilisava em requintes de arte decorativa, d'essa arte de evocação historica, de bom tom e de conforto, que já illustrou algumas paginas do *Brasil-Portugal*, lar venerando em que o homem de sociedade exerce o forte e delicado poder de simultaneamente vasar as joias do espirito em moldes litterarios de encantadora poesia e as joias do coração em affectos de esposo e ternuras de pae, lar affeito á tradição exemplar das casas nobres, e ás mais aprimoradas elegancias da vida de côrte, lar em que a mãe, como as altas damas do patriciado romano, exemplifica todas as virtudes e cria em torno da sua figura serena e

Digitized by Google

dôce uma atmosphera perfumada de bondade e de amor, lar a que a mocidade dos filhos dava uma vivificante frescura de primavera, elle, o rapaz, o varão, o continuador das tradições de familia communicando-lhe a alegria de uma ridente esperança, ellas, as irmãs muito amadas, enchendo, esmaltando esse lar com os thesouros da candura e da emotividade feminina, flôres d'abril a inebrial-o com os seus aromas, aves da madrugada a insuflar-lhe com os seus cantares, vida, luz, alma, alegria . .

E ainda, pára completar o quadro, que nenhuma tela saberia reproduzir em todo o encanto da sua poesia, e em toda a sua influencia benefica, lançando o seu mais bello sorriso de avô para o grupo formoso, a fignra da nobre marqueza, evocando nos sulcos do rosto os lutos do coração e as amarguras da saudade conjugal, que a affeição dos filhos e os carinhos dos netos encantadoramente procuravam dissipar.

*

E não havia desgraça tamanha de causar tamanha dôr ! Que brutalidade é essa do Destino que vem de chofre enlutar esta familia, desfazer este lar, estilhaçar esta felicidade, converter em maldição e blasphemia o que parecia ser a formula humana de uma benção do céo !

Que atrocidade é esta da sorte cega e injusta que escolhe o mais affectuoso dos paes para o golpear no coração, a mais bondosa das mães para lhe arrancar, n'uma selvageria de fera, o ente querido da sua alma ! Que insondavel mysterio é este que de subito nos faz crer que não existe uma Providencia Suprema, ou se existe, que ella nos seus designios determina que a reneguem ou que a maldigam ! Se ha almas ou corações que para se purificarem carecem de uma prova terrivel, porque não desce ella de preferencia ao fundo d'esses antros moraes e não os redime pelo

Digitized by Google

soffrimento, pelo martyrio? Para que vem ella escolher uma alma de eleição, uma dôce creatura que em effluvios de amor e extremos de bondade não sabia senão reflectir o sorriso de Deus, e de um golpe anniquilal-a, e precipital-a no infinito do abysmo como precipitou os que hão de choral-a sempre no infinito da dôr? Para que ha de ella torturar, esmagar toda a vida de um homem de coração, de talento e de honra, que póde na crise amargurada da saudade pela filha que perdeu, esquecer o fervor da crença religiosa e repetir com outro poeta, irmão eleito do seu espirito e da sua desventura:

A Providencia
Tem garras para mim : rouba-me os filhos.

E ahi teem como foi profundo por que foi sincero o abalo que o caso tragico de Cascaes imprimiu em todos os corações E o primeiro a estremecer de piedade foi o da Rainha, porque esse era o que mais de perto palpitava junto da familia enlutada. A gentileza angelica d'essa criança desenvolvera-se, abrira-se, quando por assim dizer, em plena mocidade, a Rainha começava a espalhar em terra portugueza, que ella mais ainda pelo coração que pelo casamento adoptara, todos os effluvios da sua alma de mulher, todas as graças da sua formosura, e todos os requintes da sua bondade. Ninguem como ella, tambem esposa, mãe tambem, sabia pesar os thesouros de affecto, affecto pelos seus, pelos bons, pelos desfavorecidos da sorte, pelos humildes, thesouros que se accumulavam n'esse coração de criança e de mulher, de criança no que tinha de mais innocente, de mais simples, de mais celeste, de mulher no que havia de mais poderoso, de mais proporcionado, de mais nobre e de mais bello. A Rainha ia dia a dia tacteando essa fina sensibilidade, aspirando os aromas d'essa flôr, repartindo com

Digitized by Google

essa criança affeições e sorrisos que só pódem comprehender duas almas que se irmanam. A Rainha queria-lhe como a uma irmã mais nova, espreitava-lhe os desejos, adivinhava-lhe as intenções, e nenhuma havia que lhe não merecesse o premio de um sorriso, que era uma approvação. Mal cuidava a nobre senhora, a bondosa princeza, que ao satisfazer um d'esses pequeninos desejos, ao offerecer uma elegante *charrette* á sua juvenil amiga, ia n'ella a morte, a destruição de uma gentilissima mocidade, o desespero e a tortura dos que ficavam a choral-a!

*

Ha lagrimas que se não estancam. Ha dôres que se não acalmam. Estas são as dôres que os paes devem soffrer, as lagrimas que hão de a toda a hora derramar. Mas, se a Providencia cerrou os ouvidos quando o pae afflicto, ensanguentado, abandonado n'uma estrada, lhe pediu convulso a salvação da sua filha, todos os corações se abriram á sua dôr todas as almas vieram acompanhar a sua no luto e na saudade, e não houve olhos enxutos quando desfilou para o cemiterio o cortejo que ia lá deixar o cadaver estremecido. Sejam essas lagrimas da multidão o refugio dos corações lanceados dos paes, a consolação unica—se alguma na terra ainda póde haver—para tamanha magua.

JAYME VICTOR.

FIM

Digitized by Google

Acabou-se de imprimir nos prélos da officina typographica da
Parceria Antonio Maria Pereira,
aos doze de Janeiro do anno de mil novecentos e trez.

Em Lisboa. Rua dos Correeiros, 70 e 72.

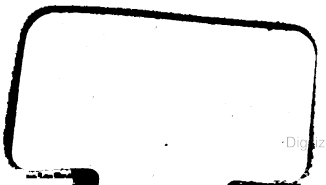
Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

3 9015 02791 942



Digitized by Google